

**AS QUESTÕES IDENTITÁRIAS E AFRO-BAIANIDADE: UMA LEITURA  
SOBRE AS PECULIARIDADES DA CIDADE DE SALVADOR SOB A ÓTICA  
DE JORGE AMADO**

Janio Roque Barros de Castro<sup>1</sup>

**Resumo**

No presente trabalho, pretende-se analisar de que forma algumas obras literárias do escritor Jorge Amado expressa, de distintas formas, os diferentes lugares da Bahia, com especial ênfase em Salvador, sua capital. As peculiaridades culturais, aspectos da cotidianidade, visões de mundo e jeito ser de baianos e baianas inspiraram obras literárias e músicas que difundem, para além do âmbito do território baiano, os elementos dessa “baianidade” que pode ser lida, percebida e analisada sob olhares diversos em outros estados ou países. Objetiva-se discutir como algumas obras literárias importantes desse autor expressaram e ainda expressam os elementos da afro-baianidade e aspectos identitários do povo baiano.

**Palavras-chaves:** Identidade cultural, especificidades culturais, baianidade, Salvador.

**Introdução**

Identidade cultural é um conceito polêmico e complexo que alimenta acalorados debates no mundo acadêmico, em diferentes segmentos das Ciências Humanas e Sociais. Sob a ótica geográfica, geralmente busca-se um referente espacial para nortear o enfoque analítico, por isso, muitas das vezes opta-se pela abordagem da identidade territorial em uma dimensão escalar nacional, regional, local ou mesmo ancorada em

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus V, Santo Antônio de Jesus. Doutor em Arquitetura e Urbanismo e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Possui graduação e especialização em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Vice-líder do Grupo de Pesquisa Recôncavo: Território, Cultura, Memória e Meio Ambiente.  
janiocastro@bol.com.br



uma dimensão política / espacial da unidade federada. Nesse contexto, as obras literárias, as poesias, as músicas podem ter um papel importante na invenção / cimentação dessa identidade, assentada no discurso sobre as peculiaridades culturais. Tanto na literatura quanto na musicalidade notam-se menções a estados que destoam do ponto de vista cultural no contexto nacional, como a Bahia.

No presente trabalho, pretende-se analisar de que forma algumas obras literárias do escritor Jorge Amado expressam, de distintas formas, os diferentes lugares da Bahia, com especial ênfase em Salvador, sua capital. Objetiva-se discutir como algumas obras literárias importantes desse autor expressaram e ainda expressam os elementos da afro-baianidade e aspectos identitários do povo baiano.

### **A questão identitária e o recorte espacial: uma apreciação preliminar**

O que é identidade? Como falar de identidade em um mundo no qual os recursos comunicacionais e informacionais se mostram tão diversos e ao mesmo tempo tão híbridos, tão mesclados? Quais seriam os caminhos para a abordagem geográfica da questão identitária, a partir das especificidades culturais de um estado brasileiro? Muitas vezes, opta-se por escrever artigos levantando problematizações e questões no transcurso do texto, no entanto, a temática que se propõe a fazer uma breve apreciação analítica é tão complexa, abarca tantas variáveis, que se optou por problematizar desde o início.

A identidade é um conceito clássico das Ciências Sociais e, mesmo nessa área do conhecimento, é difícil de ser trabalhada. Na Geografia é mais complicado ainda. Esse conceito, considerado “escorregadio”, complexo, fugidio, muitas vezes é abordado de forma superficial em alguns trabalhos acadêmicos. No presente texto, não se pretende ousar na tentativa de apresentar respostas prontas e simplistas para questões complexas. Não se pretende definir identidade; busca-se fazer uma abordagem analítica sobre as especificidades de uma leitura geográfica para a questão identitária a partir do contexto sociocultural da Bahia, com especial ênfase na sua capital, fazendo-se uso de obras literárias e de músicas de dois baianos consagrados nessas duas vertentes artísticas e culturais.

Segundo Canclini (2005), a identidade é uma construção que se narra e que estabelece acontecimentos fundadores quase sempre relacionados à apropriação de um território por um povo ou à independência obtida através do enfrentamento dos

estrangeiros. De que forma as ações do passado alimentam o imaginário coletivo do presente? Tanto os livros didáticos quanto as obras literárias trazem para o presente fatos, situações, embates territoriais do passado, contribuindo assim para a construção ideológica da identidade territorial, que pode ser nacional regional, no sentido do discurso instituído, ou regionalista, em uma perspectiva separatista. Para que essa cimentação identitária regional se processe, faz-se uso tanto de elementos imateriais, como a língua e o sotaque, por exemplo, como também de elementos simbólicos e materiais, a exemplo de bandeiras, como destacou Pierre Bourdieu (2000).

A criação de uma identidade nacional para se justificar a existência de determinados países, muitas vezes, acontece de forma dura e violenta. A imposição vertical do estado nacional suprime os grupos culturais locais. Os regionalismos ou localismos acabam sendo vistos como uma ameaça à integridade nacional. Essa situação difere da proposição de leitura identitária aqui proposta, que está ancorada no sentimento do (a) baiano (a), na leitura e releitura do seu estado, não apenas como uma unidade federada no sentido político-administrativo, mas como um uma terra no sentido da relação cultural, afetiva e identitária.

A partir de uma abordagem mais dura sobre a relação entre identidade e cultura, Henry-Pierre Jeudy (2005) afirma que a identidade cultural não tem necessidade de ser representada ou reivindicada, ela está lá, e manifesta-se de maneira soberana. Essa leitura de Jeudy se contrapõe à discursividade reivindicatória e midiaticizada da identidade e da peculiaridade cultural da atualidade. Faz-se apologia às diferenças culturais e à diversidade cultural a partir de uma projeção turística, e, para isso, faz-se uso, inclusive, de trechos de clássicos da literatura e da musicalidade local para lastrear esse discurso da identidade cultural local, regional, ou até mesmo ancorada em unidade federada ou na sua capital, por exemplo.

O que faz as pessoas se sentirem baianas, mineiras, paraibanas, gaúchas, paranaenses? As pessoas usam com orgulho e defendem o gentílico com uma paixão pátria; aliás, em muitos casos, consideram o gentílico do estado mais importante que o gentílico pátrio nacional, ou seja, às vezes, a convicção identitária do ser baiano se sobrepõe a do ser brasileiro. Quantas vezes se torce com mais convicção para o clube de futebol do estado do que para a própria seleção brasileira? Evidentemente que, no caso do mundo futebolístico, o fato do torcedor do clube rival possivelmente morar ao lado ou mesmo residir dentro da mesma casa, acirra os ânimos das torcidas. Inegavelmente, a paixão clubística, além das rivalidades em âmbito estadual, traz consigo toda uma carga

identitária de promoção do seu estado, a começar pela denominação do clube de futebol e pelas suas cores. O Esporte Clube Bahia, fundado em 1931, além de levar o nome do estado, tem os seus padrões indumentários nas mesmas cores da bandeira do estado de origem. No Ceará, os dois clubes mais importantes do estado prestam homenagem nas suas denominações à unidade federada e a sua capital.

As especificidades culturais dos lugares se manifestam na forma de se fazerem as festa, nas danças, na forma de falar. Uma viagem pela geografia linguística do território baiano nos faz perceber os diferentes sotaques e entonação da fala. Como a Bahia é um estado de grande extensão territorial, a sensação que se tem é que o extremo sul da Bahia é um “mundo” e que as regiões oeste e norte são outro. Falar isso é importante, porque uma pessoa pode tentar ver esses elementos da chamada “baianidade” na cidade de Porto Seguro, por exemplo, e não conseguir. Porto Seguro e Salvador são muito diferentes. A leitura dos visitantes que optam por passar as férias em Porto Seguro, esse badalado pólo turístico brasileiro, pode ser positiva no sentido da apreciação do conjunto paisagístico, e um pouco frustrante do ponto de vista da expectativa criada para se encontrar a Bahia cantada, literaturizada e poetizada por artistas que circulam pela grande mídia desde a década de 30 do século passado.

Diferentemente de outros países como Rússia e Espanha, por exemplo, no Brasil não existe uma questão nacionalista de cunho separatista sistematizada e consolidada. Por outro lado, existe a questão macrorregional do Nordeste que, muitas vezes, aparece em obras literárias e em letras de músicas. Para milhares de migrantes que fizeram o traslado do Nordeste para o centro sul do país, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro como polos receptores, no contexto dos pontos cardeais priorizam-se o norte e o sul no seu uso cotidiano. Isso aparece claramente nas músicas do cantor e compositor Luiz Gonzaga, como mostra este trecho de um clássico do seu repertório musical, composto pelo poeta Patativa do Assaré:

### **A triste partida**

Meu Deus, meu Deus  
Setembro passou  
Outubro e Novembro  
Já tamo em Dezembro  
Meu Deus, que é de nós,  
Meu Deus, meu Deus  
Assim fala o pobre  
Do seco Nordeste  
Com medo da peste

Da fome feroz  
Ai, ai, ai, ai  
(....)  
Distante da terra  
Tão seca mas boa  
Exposto à garoa  
A lama e o paú  
Meu Deus, meu Deus  
Faz pena o nortista  
Tão forte, tão bravo  
Viver como escravo  
No Norte e no Sul  
Ai, ai, ai, ai

Letra: Patativa do Assaré (Antônio Gonçalves da Silva). Música cantada por Luiz Gonzaga.

Essa música foi composta no início da década de 1950 pelo poeta e compositor Patativa do Assaré e notabilizada nas rádios por Luiz Gonzaga. Ela expressa o sofrimento do pequeno proprietário nordestino que foi expulso da sua terra natal pela seca e pela expansão da cerca dos latifúndios capitalistas e que, ao chegar ao centro sul, se transforma em um operário brutalmente explorado pela ganância do mesmo sistema capitalista. O poeta, primeiro, fala em Nordeste, referindo-se a um recorte regional instituído; e, ao finalizar a música, fala em “nortista”, em norte que, do ponto de vista da regionalização formal, corresponde à região amazônica. O poeta capta os elementos do rico vernáculo sociocultural cotidiano, por isso fala em norte e em sul, que é a forma como os migrantes nordestinos falam no seu dia a dia. Nessa época, a Bahia integrava a extinta região Leste. Por isso, no contexto das rivalidades regionais no território nordestino, ainda aparecem provocações da seguinte natureza: a Bahia é Nordeste? Em primeiro lugar, do ponto de vista institucional, a Bahia é Nordeste e sobre isso não paira nenhuma dúvida. Em segundo lugar, deve-se considerar a complexidade do território baiano. O extremo sul da Bahia, do ponto de vista sociocultural e econômico, é completamente diferente do norte do estado, como já foi dito, que se assemelha muito com os outros estados nordestinos; e isso é perceptível quando se observa os sotaques locais / regionais.

Quando se afirma que uma determinada novela ou minissérie é ambientada na Bahia, de que Bahia se fala afinal? A partir da leitura das diferentes manifestações culturais, assim como das diferentes formas de falar no território baiano, constata-se que há várias Bahias dentro da Bahia. Muitas vezes, escutam-se alguns baianos e baianas afirmarem que não falam como as personagens em determinadas novelas televisas;

evidentemente que, para compreender esses eventuais “descompassos identitários” entre a realidade e representação, deve-se fazer a devida contextualização geográfica. O sotaque da personagem Gabriela, na novela<sup>2</sup> de mesmo nome, deve-se ao fato dela ser originária do sertão baiano; todavia, o sotaque de grande parte da população de Ilhéus é parecido com o dela. Na verdade, os outros personagens da trama deveriam apresentar um sotaque diferente daquele da protagonista. Aquela forma de falar lembrava mais os habitantes do sertão norte do estado da Bahia. A maioria das obras literárias de Jorge Amado e das músicas de Dorival Caymmi expressa a Bahia a partir de Salvador, com algumas incursões pela região do Recôncavo, que corresponde ao seu entorno imediato, por isso, no transcurso do texto, aborda-se com especial ênfase a capital baiana.

### **A cidade de Salvador e a questão da baianidade**

Os paradoxos da contemporaneidade estimulam as pessoas no mundo acadêmico e fora dele a falarem de cosmopolitismo e de particularismos identitários ao mesmo tempo. Os dilemas entre o geral e o específico envolvem a abordagem cultural em um plano transescalar. Dessa forma, pode-se falar em especificidades culturais da Bahia, que são coletivizadas na literatura e nas músicas. Essas especificidades não se apresentam no território da unidade federada como um todo e sim em um recorte regional que mais expressa esses elementos culturais evidenciando os traços da baianidade, que pode ser Salvador e o seu entorno imediato, onde a presença da cultura negra é o traço mais marcante.

Sobre Salvador, Jorge Amado escreve de forma enfática:

“”Roma negra”, já disseram dela. “Mãe” das cidades do Brasil”, portuguesa e africana, cheia de histórias, lendária, material e valorosa. Nela se objetiva, como na lenda de Iemanjá, a deusa negra dos mares, o complexo de Édipo. Os baianos a amam como mãe e amante numa ternura entre filial e sensual. Aqui estão as grandes igrejas católicas, as basílicas e aqui estão os grandes terreiros de candomblé, o coração das seitas fetichistas dos brasileiros (AMADO, [1945] 2012, p. 28)

---

<sup>2</sup> Novela exibida pela Rede Globo no ano de 1975 e reprisada várias vezes nessa emissora. Inspirada no Romance Gabriela Cravo e Canela (1958), escrito por Jorge Amado, foi reexibida recentemente na mesma emissora com outros atores e atrizes.

O fulgor e a peculiaridade cultural de Salvador fazem a capital baiana destoar como centro macrorregional de projeção nacional na rede urbana brasileira. Jorge Amado aborda em suas obras a ideia de uma centralidade cultural ancorada no potencial da cultura negra de matriz afro-brasileira. Essa foi uma atitude ousada para uma obra da década de 1940, um contexto no qual a cultura negra era fortemente discriminada, aliás, nem era chamada de cultura. Até a década de 1980, alguns livros didáticos consideravam manifestações culturais do povo negro apenas como folclore, numa clara tentativa de sub-culturalização depreciativa. A partir sobretudo da década de 1990, houve um alargamento na concepção de cultura que faz justiça às manifestações culturais do povo negro, dando-lhe o devido valor identitário.

Referindo-se novamente a Salvador, Jorge Amado afirma de forma convicta que “nessa cidade a cultura popular é tão poderosa, possui uma tradição tão densa, persiste porque foi defendida com tanta fúria e coragem, que ela não só marca como condiciona toda criação artística e literária” (AMADO, [1945] 2012, p. 49). Reafirma-se de forma convicta o papel de Salvador como uma capital cultural do Brasil na perspectiva amadiana. Os sujeitos sociais que lideram as culturas de matriz afro-brasileira exerceriam um ativismo cultural tão importante que fazem a capital baiana se destacar no contexto nacional. Os laços da cidade da Bahia com a África, configurando uma identidade diaspórica, e o potencial da cultura popular manifestado e expresso nas ruas e nas práticas cotidianas dos sujeitos sociais fariam da capital baiana uma cidade peculiar, na ótica de Jorge Amado.

Por meio de alusões a eventos do passado, busca-se justificar as raízes identitárias de um povo. A língua e a história seriam elementos de coesão, de cimentação para se configurar a nação, não como “insularidades” geográficas, mas como um macrogrupo dotado de uma relativa “coesão identitária”. Essa leitura aplica-se a países. E quando a matriz linguística de uma população é a mesma? Quando todos, pelos menos oficialmente, falam o mesmo idioma? No caso do Brasil, a língua portuguesa, com seus milhares de verbetes e estilos, reflexo dos diferentes contextos socioculturais, apresenta-se como uma expressiva forma de evidenciar as especificidades das diferentes regiões do país. Evidentemente que se falam dezenas de outros idiomas indígenas no território brasileiro, muitos dos quais apresentam expressões que foram incorporadas ao idioma considerado oficial, a exemplo de vários topônimos.

A toponímia, inegavelmente, expressa elementos identitários dos diferentes lugares do território brasileiro. Na Bahia, há uma clara relação entre a toponímia e especificidades culturais locais que, muitas vezes, andam em descompasso com tentativas redenominação de bairros e logradouros públicos. Um exemplo disso é um bairro populoso de Salvador que, até a década de 1980, era chamado de Beiru, mas que, em meados do mesmo decênio, passou a se chamar Tancredo Neves, que, na época, foi eleito presidente da República pelo Congresso Nacional e faleceu antes de tomar posse. Beiru, segundo Dorea (2006), fundamentando-se em Rêgo (1980), seria um nome cuja origem é africana; uma corruptela popular de *Gberu*, que foi um dos reis africanos, da região de *Oyo*. Tem-se aqui um caso típico no qual a substituição de uma toponímia calcada em elementos de matriz identitária e diaspórica é sobreposta por um antrotopônimo de natureza política, que, no Brasil, é muito recorrente. Todavia, questiona-se essa prática em uma cidade que, desde a década de 1940 do século passado, Jorge Amado vem afirmando, de forma enfática, ser sua principal potencialidade a força das suas matrizes culturais afro-brasileira e a afro-baiana, e a toponímia, inegavelmente, é um reflexo desse contexto.

Jorge Amado tece duras críticas à situação de pobreza de Salvador e faz questão de destacar que o seu potencial e sua especificidade cultural lhe dão o caráter de polo nacional:

Isso não quer dizer que na Bahia a vida seja mais fácil, menos dura, menos difícil para o povo. Ao contrário: cidade pobre, estado quase paupérrimo apesar das inúmeras riquezas, subdesenvolvido, na Bahia o povo tem oportunidades e possibilidades muito menores do que no Rio e em São Paulo. A diferença está na civilização popular, na cultura do povo, que humaniza a cidade, e torna a vida menos áspera e brutal, fazendo das relações entre os cidadãos um convívio humano e não um permanente conflito de inimigos. Não me refiro, é claro, aos problemas de lutas de classes, de injustiças sociais que aqui existem como em qualquer outra parte. Refiro-me às relações entre pessoas, ao trato cotidiano, refiro-me ao humanismo baiano (AMADO, [1945] 2012, P. 50-51)

Esse trecho do livro “Bahia de Todos os Santos” dialoga com as abordagens de Milton Santos (2000) sobre a força ativista do pobre para criar outra alternativa de mundo, que ele chamou de uma outra globalização, mais horizontal, mais humana. Como um bom comunista, Jorge Amado criticou e questionou as mazelas sociais do seu tempo e apresentou um antídoto, uma porta que se abria, não para o conformismo e sim para a luta, para a ação calcada no ativismo cultural que, mesmo intersticialmente,



poderia agir como uma máquina de guerra no sentido proposto como Deleuze e Guattari (1997; 1992), ou seja, uma força molecular capaz de promover o dismantelo de modelos molares, macros. Essa cidade da Bahia, com todos os seus problemas, era e é forte, na fala de Amado, por causa da cultura popular que a humanizava.

Muitas vezes, ao assistir partidas de futebol, escutam-se os locutores do centro sul fazerem referência à Bahia como sendo a “Boa Terra”. Qual seria o sentido dessa expressão? Olhando pelo aspecto positivo, pode-se afirmar que essa expressão está ancorada naquela ideia de que a Bahia é o estado das festas. Esse mesmo estado da festa seria o estado da preguiça, na medida em que quem vive fazendo festas não teria tempo para trabalhar. A pesquisadora Elisete Zanlorenzi refuta de forma enfática essa ideia. Essa autora, que, em 1998, defendeu uma tese de Doutorado na Universidade de São Paulo, afirma que a preguiça expressa por artistas baianos como Dorival Caymmi refere-se ao “jeito de ser baiano”, a uma cosmovisão, que os intelectuais chamam de baianidade, caracterizada como um ritmo peculiar, um traço diferenciador, constituindo-se, assim, num dado positivo da cultura. Essa peculiaridade cultural, lida no cotidiano e apreendida em entrevistas de Zanlorenzi no transcurso da sua pesquisa, teria fortes influências na forma de ver o mundo de alguns grupos culturais orientais, que não vivem a ditadura da racionalidade do tempo determinada pelo relógio. Em uma obra de Jorge Amado, publicada na década de 1940 e reeditada em décadas subsequentes, há uma passagem, referindo-se a Salvador, que sintetiza essa concepção de tempo:

Eis uma cidade onde se conversa muito. Onde o tempo não adquiriu a velocidade alucinante das cidades do Sul. Ninguém sabe conversar como o baiano. Uma prosa calma, de frases redondas, de longas pausas esclarecedoras, de gestos comedidos e precisos, de sorrisos mansos e gargalhadas largas. Quando um desses baianos gordos e mestiços, um pouco solene e um pouco moleque, a face jovial, começa a conversar, quem fechar os olhos e fazer um pequeno esforço de imaginação poderá distinguir perfeitamente o seu remoto ascendente português e seu remoto ascendente negro, recém-chegado um da Europa colonizadora, recém-chegado outro das florestas da África. (AMADO, 2012, [1945], p. 23).

Zanlorenzi ressalta que a preguiça destacada pela classe dominante de Salvador e por algumas pessoas do Sudeste é diferente dessa concepção ancorada na perspectiva da baianidade. Segundo uma das hipóteses da autora, a elite local e não baianos relacionam a indolência com a composição étnica predominante: Salvador é a mais negra das grandes capitais do Brasil. Dessa forma, deve-se tomar cuidado quando se ouve, pretensamente por brincadeiras, que o baiano é preguiçoso ou que só vive fazendo festas. Como se falar em tempo mítico e não olhar para o relógio em um país onde o

sistema capitalista estimula a leitura de tempo cronológico numa linearidade progressiva?

Em um trecho de obra literária, que consta em um artigo, no qual Castro (2003) analisa a cidade no romance “Atire em Sofia”, trama literária de autoria de Sônia Coutinho, que também cenariza a cidade de Salvador, se enfatiza a dimensão mítica do tempo:

Subdesenvolvimento, como viver em outro tempo anterior. Como voltar ao passado. O lugar subdesenvolvido, percebe João Paulo, permanece como um bolsão do passado, de comportamento e situações arcaicos. De repente, é como voltar a outro século. O tempo aqui é circular (...). Um tempo mítico, tempo de antigas civilizações, que ainda não tinha noções de histórias como marcha para frente... (CONTINHO, 1989, p. 85).

Pode-se constatar que o livro “Baía de Todos os Santos”, de Jorge Amado, está em consonância com a ideia de uma Bahia idealizada e peculiar, que reforça o discurso identitário da baianidade como um aspecto sociocultural positivo. No trecho do livro “Atire em Sofia”, o personagem João Paulo parece incomodado com a leitura que ele faz do tempo e do mundo subdesenvolvido. A ideia de tempo para ele é como a marcha linear, para frente. Nessa mesma obra, uma das personagens afirma que se vivia uma época na qual não se podia olhar para trás sob pena de se transformar em estátua de sal. Poder-se-ia afirmar que muitos dos personagens amadianos estariam vivendo esse tempo mítico e circular, visto como algo positivo para o autor, enquanto que a elite ou até mesmo parte da classe média concebia esse mesmo tempo como algo negativo. São duas diferentes abordagens para a questão temporal.

No livro de Sônia Coutinho, o personagem João Paulo aborda o “mundo oriental” como algo etnocentricamente negativo. Esse trecho se aproxima muito de outro no qual Jorge Amado compara os problemas sociais de Salvador com os de cidades orientais, ao afirmar que há qualquer coisa de oriental na miséria das classes pobres da Bahia. Quando volta o seu olhar para o bairro da Liberdade, uma área predominante negra, no centro da capital baiana, afirma que:

Entrada da Liberdade estendia sobre a miséria oriental dos bairros trágicos. Deram-lhe nomes que recordam tragédias do outro lado da terra: Japão, Machúria, Shangai. Parece que alguém quis ligar no sentido de universalidade a miséria desses bairros baianos aos povos mais terrivelmente desgraçados do oriente. Falta a Índia com suas massas camponesas. Mas não estará ela presente por acaso nos sertanejos que descem tangidos pela seca e

vem conhecer uma nova miséria sobre a luz dos postes elétricos na Estrada da Liberdade? (AMADO, 2012, [1945], p. 86).

Por que será que os moradores colocam nomes de países ou cidades orientais em alguns bairros populares de Salvador? Para Jorge Amado, existiria uma clara correlação entre o estado de pobreza e a menção toponímica, ou seja, é como se o estado de miséria de bairros da capital baiana se assemelhasse aos mesmos problemas de regiões do mundo oriental. A Índia, além da pobreza, poderia ser lembrada pela dimensão mítica e mística de grande parte da sua população que ritualiza suas práticas religiosas com a valorização de elementos da natureza como os rios (muitos são considerados sagrados), uma prática também adotada pelas religiões de matriz africana abordada por Jorge Amado em várias obras literárias. O autor parece não se preocupar em buscar essas origens toponímicas na complexidade identitária do mundo oriental, na medida em que as identidades diaspóricas afro-brasileiras seriam o suficiente para a consolidação das especificidades culturais do povo baiano, notadamente de Salvador.

No livro a “Bahia de Todos os Santos”, Jorge Amado afirma que “a Bahia se carrega na cabeça”. Mais uma vez, esse autor traz para as páginas dos seus livros aspectos da cotidianidade de Salvador; flagrantes de uma época que mais parecem uma fotografia em forma de texto. Durante décadas a imagem da Bahia mais conhecida no mundo era a da famosa cantora e dançarina Carmem Miranda carregando na cabeça seus adereços. A música “O que é que a baiana tem?”, composta pelo cantor e compositor Dorival Caymmi, ajudou a divulgar a imagem da Bahia a partir das suas peculiaridades. As vestes e os adereços da baiana, por si só, não seriam capazes de mostrar as especificidades identitárias das baianas, por isso a música traz a estética material das vestes como parte de uma estética da ginga dançante, evidenciada no requebrado típico e nas performances sensualizadas da letra, muito bem interpretada por Carmem Miranda.

Por mais que a música fale da ginga sensual e da vaidade da baiana, hábitos considerados “mundanos”, a música desemboca na menção ao templo católico mais importante na hierarquia do carisma popular de Salvador: a igreja do Senhor do Bomfim, edificação e lugar simbólico da capital baiana. Trata-se de uma forma espacial situada em um local elevado, de expressiva visibilidade e de elevada carga simbólica. Na música “São Salvador”, Dorival Caymmi faz menção direta ao papel do Senhor do Bomfim como “guardião” da cidade de Salvador.

Nas obras de Jorge Amado, a cidade de Salvador é chamada de cidade da Bahia, pela sua importância, sobretudo cultural e simbólica. Ao chamar a cidade de São Salvador, não apenas nessa obra como em outras, em vez de apenas Salvador, Caymmi intenta inserir uma dimensão do sagrado para a cidade, devido ao respeito, devoção e admiração do povo baiano por Senhor do Bomfim que, na verdade, é Jesus Cristo, que leva diferentes nomes em diferentes contextos geográficos. É o mesmo Bom Jesus do Santuário da Lapa, na região do Médio São Francisco baiano, que recebe um nome inspirado em determinadas especificidades socioculturais e geográficas.

Muitas vezes, para alimentar a inspiração para a composição musical e literária, basta olhar a paisagem. Na concepção de Eric Dardel (2011 [1990]), muito mais que a justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão” que une todos os elementos. Segundo o referido autor, a paisagem vai muito além da materialidade visível, ela pode ser trabalhada na dimensão do imaginário. E essa relação entre a Bahia real, material e a Bahia mítica e imaginária inspirou Jorge Amado e Dorival Caymmi a escreverem e comporem sobre as especificidades culturais e identitárias desse estado, com especial ênfase na sua capital, com todo o seu fulgor cultural.

### **Dimensões míticas da identidade baiana**

O estado da Bahia é conhecido no contexto nacional e internacional pelo seu potencial cultural material e imaterial e também por práticas religiosas e tradições ancoradas em elementos míticos. As obras de Jorge Amado divulgaram no território nacional e em vários países essas questões de natureza mítica, na qual, em muitas situações, o cotidiano, a materialidade e o transmundano se interpenetram.

Na concepção de Claval (2002), a oposição entre sagrado e profano fundamenta-se na ideia de que existem dois níveis de realidades: o mundo positivo, apreendido pelos nossos sentidos, que tocamos e que frequentamos; e outro mundo, onde se situam as forças, os princípios ou divindades responsáveis pelo que acontece no mundo positivo. Para Claval, esse outro mundo se situa em um espaço inacessível ao homem, no entanto estes dois mundos não são totalmente separados uma vez que os aléns afloram em lugares especiais revestindo esses locais de sacralidade: são os Santuários.

Essa abordagem de Claval para a questão sagrado / profano é pertinente para leitura / análise de cidades-santuários, todavia, não se aplica para o entendimento das

especificidades do território baiano, sob a ótica de algumas obras de Jorge Amado. Nota-se, de forma recorrente, a menção a personagens míticos das tramas literárias que se deslocam por espaços da circularidade cotidiana. Ou seja, nas obras amadianas, não é necessário ter um lugar sagrado específico para o além aflorar (Santuário); essa transcendentalidade aflora nos espaços profanos e funcionais das ruas, becos e edificações. No entanto, isso não acontece em qualquer lugar; há os lugares significativos, numa expressão de Tuan (1983), dotados de uma carga simbólica efetiva, consolidada. Um desses lugares é o Pelourinho, o centro histórico de Salvador. No livro “Os Pastores da Noite”, no qual o Jorge Amado traz uma trama sobre a vida noturna de Salvador com referências a algumas cidades da região do Recôncavo, há uma passagem que faz menção à relação entre a dimensão transmundana e o centro histórico da capital baiana:

O Orixá subiu o Pelourinho em meio a maior agitação. Indócil, tentando arrancar-se das mãos de Doninha, experimentando passos na rua. De quando em quando, soltava uma gargalhada porreta, ninguém resistia, riam todos com ele. (AMADO, 2009 [1964], p. 179).

Nessa obra literária, o autor transita pelos espaços de circulação do malandro cabo Martim na primeira parte, enquanto que, na segunda parte, a trama gira em torno do batizado do filho do negro Massu, tendo como padrinho o Orixá Ogum. As ladeiras do Pelourinho, Universidade da cultura popular, na visão de Jorge Amado, são conhecidas internacionalmente, e o ato de subir e descer nesses aclives e declives é uma prática rotineira da cotidianidade de quem ali vive (viveria) e de quem visita aquele espaço com toda sua simbologia, força cultural e elementos de “lugaridade”. O Orixá estaria adotando práticas cotidianas e “humanalizadas” ao subir o Pelourinho e ao soltar suas gargalhadas ao lado de sujeitos sociais do lugar. Dessa forma, nas obras de Jorge Amado, não existe uma separação mecânica entre o transmundano e sua dimensão mítica e mística e o mundo material da capital baiana com suas formas espaciais e práticas cotidianas.

No contexto da relação entre a divindade e a materialidade em Salvador, há menções em algumas obras amadianas, como “Mar Morto”<sup>3</sup> ([1936] 2008), à presença de Iemanjá na terra, chegando ao porto nos saveiros juntamente com os pescadores para participar da sua festa. Para a dimensão mítica, o simbolismo das águas é muito importante; tanto das águas do mar, com todos os seus mistérios, como as águas dos

---

<sup>3</sup> “Mar Morto” é uma obra literária publicada por Jorge Amado na década de 1930 que conta a trama romântica entre o pescador Guma e a bela Livia.

rios, nas quais as religiões de matriz afro-brasileira fazem as suas oferendas e muitos integrantes de segmentos religiosos evangélicos batizam seus novos membros. Eric Dardel (2011 [1990]) destaca que o simbolismo aquático é muito importante no contexto da Geografia mítica. Esse autor enfatiza que a água intervém como fator de regeneração e de aumento no potencial da vida em várias religiões. As práticas culturais, rituais e devoções de um povo revelam suas raízes e perfil identitário.

## **Reflexões finais**

A Bahia é um estado conhecido no contexto nacional pelas festas e pelas peculiaridades culturais muito veiculadas pela mídia, sobretudo a televisiva. Como disse Jorge Amado, a sua obra e a de Caymmi se completam e formam um todo na abordagem do perfil sociocultural da Bahia, a partir, sobretudo, de Salvador e do seu entorno imediato. Isso porque a Bahia é grande e complexa, e, como o conceito de identidade cultural é amplo, denso, polêmico e polissêmico, é importante chamar-se a atenção para os recortes geográficos de onde se fala no/do território baiano.

Jorge Amado enxerga o Pelourinho como um espaço / lugar de síntese desse jeito de ser do baiano, sob a ótica sociocultural. Muitas das suas tramas têm como cenário o centro histórico de Salvador, onde negros e negras, não-negros e não-negras sobem e descem as suas ladeiras “carregando a Bahia” e os elementos da baianidade nas suas práticas cotidianas, na musicalidade, nas suas festas, nas suas formas de dançar e na sensualidade da ginga do corpo. Nas obras de Jorge Amado, aparece uma Salvador que ocupa um papel de polo e centralidade cultural no território brasileiro, não porque possua equipamentos metropolitanos, mas porque apresenta um enorme potencial cultural assentado na cultura popular de matriz afro-brasileira. Essa é a cidade da Bahia com todas as suas singularidades, segundo Amado.

## **Referências**

- AMADO, Jorge. **Bahia de Todos os Santos**: guia de ruas e mistérios de Salvador. - São Paulo: Companhia das Letras, 2012 [1945].
- \_\_\_\_\_. **Os pastores da noite**. - São Paulo: Companhia das Letras, [1964] 2009.
- \_\_\_\_\_. **Mar morto**. Companhia das Letras. – São Paulo, [1936] 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2000.

CASTRO, Janio Roque B. de. Os sertanejos e o sertão vistos na/da capital da Bahia e as diferentes leituras/vivências da cidade de Salvador em duas obras de Jorge Amado. In: SILVA, Maria Auxiliadora da e SILVA, Harlan R. Ferreira – **Geografia, literatura e arte: reflexões**. Salvador. – EDUFBA, 2010. P. 51 – 64.

\_\_\_\_\_. de. A cidade no romance *Atire em Sofia*, de Sônia Coutinho: um olhar geográfico. **Humanas** - Revista do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia – UEFS. – Ano 1, nº 1 (jan/jun). Feira de Santana: UEFS, 2003. P. 89 – 109.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução de Maurício Santana Dias. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F. e KOZEL, S. (Orgs.) **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. – Curitiba: Ed. da UFPR, 2002. P. 11 – 43.

COUTINHO, Sônia. **Atire em Sofia**. – Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: a natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 05; Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. – São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. **O que é a Filosofia**. Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munoz. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DOREA, Luiz Eduardo. **Histórias de Salvador nos nomes de suas ruas**. – Salvador: EDUFBA, 2006.

JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das cidades**. Tradução: Rejane Janowitzer. – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

REGO, Waldeloir; AMADO, Jorge; VERGER, Pierre; **Aquarelas de Carybé** (Hector Julio Paride Bernabó). Iconografia dos deuses africanos no candomblé da Bahia. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia; Universidade Federal da Bahia; Brasília: INL, 1980.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2000.

TUAN, YI – Fu. **Espaço e lugar**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**. Um estudo da percepção. Atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1980.

ZANLORENZI, Elisete. **O mito da preguiça baiana**. 1998. 267 P. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP.